

DA ADORMECIDA AO DESPERTO: IMAGENS DE CELEBRAÇÃO DO IMPÉRIO EM HERMANN WISLICENUS (1880)

PYETRA DE LIMA SCHMIDT¹; DANIELE GALLINDO-GONÇALVES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – pyetraschmidt06@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Resgatar um passado, seja ele próximo ou distante, tem se mostrado um mecanismo recorrente no auxílio da construção de ideologias políticas e identidades coletivas. Ao delimitar a temporalidade, o século XIX destaca-se especialmente sua capacidade de evocar um passado ‘mítico-familiar’ vinculado à Idade Média. Essa evocação se manifesta em diversas áreas, como na literatura, na arquitetura e, especialmente, na política.

Quando falamos da Europa, é evidente que esse resgate do passado medieval foi mais evocado, refletindo uma busca por raízes comuns em meio a um contexto de mudanças sociais e políticas. A Alemanha, em particular, apresenta várias manifestações dessa tendência, através da qual a ideia de um ‘passado medieval em comum’ passou a ser um recurso fundamental para legitimar novas estruturas de poder e identidade nacional. Um exemplo significativo é a construção do *Kaiserpfa*lz de Goslar, realizada por Guilherme I, produto fruto das ideias de unificação da Alemanha, o palácio não apenas simboliza uma ligação com o passado, mas também serviu como uma afirmação da autoridade e da continuidade histórica da monarquia alemã para o imperador Guilherme I.

Nesse contexto, o *Kaiserpfa*lz apresenta-se como um elo entre o presente e a idealização do passado medieval, refletindo as aspirações e os desafios de uma nação em busca de sua identidade. No entanto, essa retórica não apenas evocou personagens históricos significativos ao longo da longa trajetória do território que hoje conhecemos como Alemanha, na construção de um ideal e de uma narrativa do então Império Alemão. Ela também incorporou lendas e contos de fadas, que fizeram parte do imaginário ‘folclore’ alemão, construídos através dos Contos dos Irmãos Grimm. Entendemos, então, que esses elementos contribuíram para uma tapeçaria cultural, e foram considerados essencial na formação da identidade nacional, ajudando a criar uma imagem de um passado glorioso e mítico, capaz de unir o povo em torno de um sentimento de pertencimento e orgulho nacional.

O *Kaiserpfa*lz de Goslar serve, assim, como um exemplo de como um ‘mito político’ pode ser representado visualmente. Por isso, este trabalho volta-se aos murais de Hermann Wislicenus no Salão Imperial, especialmente nas imagens de A Bela Adormecida (*Dörnroschen*) e de Frederico I, o *Barbarossa*¹. A fim de entender como as duas narrativas – o conto de A Bela Adormecida e a lenda do retorno de Frederico I — foram evocadas para compor a ideologia e narrativa política de um ‘novo Império Alemão’ sob poder de Guilherme I.

¹Frederico I, Imperador Romano de 1155 a 1190.

2. METODOLOGIA

Para compreendermos como se dá a construção desse imaginário mítico nas obras de Hermann Wislicenus, utilizaremos, primordialmente, discutir o conceito de ‘Mito Político’ de Miguel (1998) e Girardet (1987). Como definido por Miguel (1998, p. 02), o mito é uma narrativa que explica a origem de certos fenômenos. No contexto dos mitos políticos, a análise concentra-se nos elementos que os integram para sua construção, pois eles não apenas narram uma origem, mas também atuam como mecanismos de identificação, direcionando indivíduos e grupos a se reconectarem com um ‘passado em comum’ e reforçando ideais que se projetam para o futuro, na maioria das vezes ligado ao Medievo no recorte geográfico aqui selecionado. Girardet (1987, p. 13) considera, assim, que para construir as narrativas pouco importa se os elementos são “realidade total, cosmos, ou apenas um fragmento”.

Partindo, essencialmente, da ideia elaborada dos elementos que integram a composição de um mito político, para compreender a narrativa aplicamos a análise de imagem das obras do Salão Imperial, mais especificamente ‘Barbarossas Erwachen’ [O Despertar de Barbarossa, em tradução livre], ‘Apotheose des Kaisertums’ [Apoteose do Império, em tradução livre] e ‘Dornröschens Geburt’ [O Nascimento da Bela Adormecida, em tradução livre] de Hermann Wislicenus (1880). Além disso, é necessária uma análise semiótica dos elementos das obras; portanto, nossa metodologia se concentra, principalmente, na análise de imagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para entender como se construiu a imagem de Guilherme I e os mitos políticos associados a ele, é fundamental compreender os antecedentes históricos e culturais. Isso inclui as discussões e as utilizações de aspectos sociais e históricos até chegarmos ao ‘Segundo Reich’². Nesse contexto, o movimento do Romantismo, do qual Hermann Wislicenus faz parte, surge como uma manifestação direta de um nacionalismo que se opõe aos conflitos entre França e Alemanha, refletindo as tensões do período histórico e projetando um enaltecimento da unificação alemã próspera (SILVA; ARAUJO, 2014, p. 120; SILVA; ALBUQUERQUE, 2017, p. 335 - 338; GALLINDO-GONÇALVES, 2023, p. 556;). Nas palavras de Silva e Albuquerque:

Nessa conjuntura, a primeira onda nacionalista do século XIX, da qual também faz parte o romantismo, encontrou espaços profícios para manifestar sua indignação à dominação francesa, de forma que as artes e a literatura serviram como uma grande válvula de escape para a exaltação das virtudes espirituais (*Volkgeist*) e essenciais (*Deutschtum*) do povo alemão. Este nacionalismo germânico em seu estágio inicial tinha a liberdade (*Freiheit*) como ideal motivador, lançando pensadores de várias áreas do conhecimento em verdadeiras cruzadas, militando intelectualmente contra o imperialismo napoleônico (Silva; Albuquerque, 2017, p. 335).

Diante disso, durante o reinado de Guilherme I, podemos entender que o imaginário histórico medieval foi instrumentalizado para moldar uma visão

²O Império Alemão de Guilherme I;

idealizada do passado, projetando um futuro glorioso para o império sob sua liderança. Por meio do resgate do mito de *Barbarossa*, que sustentava a crença de que o imperador estava apenas "dormindo" e aguardando o retorno de seu império, foi revitalizado como uma estratégia de legitimação para um novo império. Essa narrativa estabelecia uma conexão entre a liderança do presente e os ideais medievais, simbolizando a continuidade e a realização do poder, assim como a unidade sob a figura de Guilherme I, o *Barbablanca*³ (SCHLÜTER, 2017, p. 89 - 93). Tal construção narrativa sugere que a história 'descontinuada' do império, marcada por grandes figuras como Carlos Magno e Frederico I, encontrou sua gloriosa conclusão sob a persona de Guilherme I.

Dessa forma, com base no ideal de prosperidade e grandeza do novo império, as obras de Wislicenus emergem. Discutimos a disposição das pinturas no Salão Imperial: elas foram organizadas de maneira a narrar a história da Alemanha. Essa disposição segue uma progressão temporal que abrange três níveis: a lenda/conto de fadas, o passado e o presente (BLAICH, 2022, p. 213). No contexto das obras, as figuras de A Bela Adormecida e do *Barbarossa*, ambas emergem como referências ao ressurgimento do Império Alemão, reforçando a intersecção entre mitologia, história e identidade, isso se dá como resultado direto de uma legitimação do reinado de Guilherme I, já que

[o conjunto das obras] reúne o mundo mágico das crenças populares e dos contos de fadas; a agenda política da restauração, que vê o estabelecimento de um Estado forte como a recuperação de uma Idade de Ouro perdida, e a nova atitude em relação ao passado conhecida como historicismo romântico. (LEERSEN, 2017, p. 126, tradução minha, grifo meu)

Ao nos referirmos ao conto da princesa, é fundamental considerar que, tanto para Wislicenus quanto para os séculos XVIII e XIX em geral, os contos de fadas "eram o tecido narrativo que comunicava as crenças populares entre as gerações alemãs, mantendo vagamente viva na memória popular a lembrança de antigos sistemas de crenças e épicos" (LEERSSEN, 2017, p. 120, tradução minha). Dentro dessa perspectiva, o conto ilustrado ('A Bela Adormecida') no Salão Imperial não apenas comunica essas crenças e memórias, mas também funciona como uma alegoria da estagnação e do esquecimento.

Por isso, 'A Bela Adormecida' simboliza o período de inatividade que recaiu sobre o Império durante o governo dos Habsburgos⁴ operando, então, como uma retórica iconográfica que representa a época em que a nação se encontrava "adormecida e inerte". Por outro lado, *Barbarossa* é associado ao poder e à glória do passado imperial alemão, sendo estrategicamente posicionado em um estado de despertamento.

A conexão entre A Bela Adormecida e *Barbarossa* nos murais reside na maneira como ambos se relacionam com a figura de Guilherme I. Enquanto A Bela Adormecida simboliza a inatividade do passado recente, *Barbarossa* se direciona à pintura central do imperador, como se reconhecesse a restauração do poder e da glória imperial no presente, isto é, o reinado do *Kaiser*⁵.

4. CONCLUSÕES

³ Interessante notar que o jogo de palavras não é ao acaso. *Barbablanca* surge como designação para Guilherme I como herança do nome de Frederico I, o *Barbarossa*;

⁴ Antecedente à Guilherme I, de 1806 a 1871;

⁵ Do alemão: 'Imperador'.

A imagem d'A Bela Adormecida e do mito de *Barbarossa* representam, em última instância, o legado e a memória política de Guilherme I. A narrativa histórica do mito imperial toma o lugar da realidade política, falando do presente e projetando-se para o futuro nas representações iconográficas, infiltrando-se em um imaginário coletivo a fim de promover um ideal de identidade, como diz Silva: “Neste disfarce da cultura como natureza, os mitos servem como ratificação e legitimação de um passado em comum e, por consequência, de uma pretensa unidade enquanto nação.” (2014, p. 120). Portanto, a figura de Guilherme I, associada a esses mitos, não só reforça sua imagem como líder, mas também projeta um futuro em que os valores e a cultura do passado são enaltecidos e considerados fundamentais para a construção da ‘nação alemã’. Assim, a intersecção entre História, Mitos e Identidade torna-se um mecanismo poderoso na formação de um imaginário que busca coesão e legitimidade no contexto político e de poder.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLAICH, Markus C. Die Ausmalung des Kaisersaals in der Pfalz Goslar als „Nationaldenkmal“ des Wilhelminischen Kaiserreichs – „Erfundene Traditionen“ von Heinrich III. bis Wilhelm I.? **Burgen und Schlösser**, vol. 63, 2022, p. 205–223.
- GALLINDO GONÇALVES, Daniele. “A Sentinel junto ao Reno”: imagens da Germânia, do poema de Max Schneckenburger ao monumento de Johannes Schilling. **Antiteses**, [S. I.], v. 16, n. 32, p. 563–592, 2023. DOI: 10.5433/1984-3356.2023v16n32p563-592. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/48724> Acesso em: 8 out. 2024.
- GIRARDET, Raoul. Mitos e mitologias política. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- KOHLE, Hubertus. Politisierung der Poesie: Mythos und Märchen in der Kunst des Deutschen Kaiserreichs. In: ROTT, Herbert W. (Org.). **Erzählen in Bildern**: Edward von Steinle und Leopold Bode. München: Deutscher Kunstverlag, 2018. p. 74-87.
- LEERSSEN, Joep. Once Upon a Time in Germany: Medievalism, Academic Romanticism and Nationalism. In: LOUD, Graham A.; STAUB, Martial (Ed.). **The Making of Medieval History**. London: Bloomsbury Academic, p. 101 - 126, 2017.
- MIGUEL, Luis Felipe. Em Torno do Conceito de Mito Político. **Dados**, v. 41, n. 3, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/wKTJtqBsKZsp7XZzcy5fKNH/>
- SCHLÜTER, Bastian. Barbarossa's Heirs: Nation and Medieval History in nineteenth- and twentieth-century Germany. In: LOUD, Graham A.; STAUB, Martial (Ed.). **The Making of Medieval History**. London: Bloomsbury Academic, p. 87 - 100, 2017.
- SILVA, Daniele G. G.; ARAUJO, V. C. D. Frederico I Barbarossa ou do Imperador que retornará: a recepção do medievo em terras germânicas no longo século XIX. In: **Signum**, v. 15, p. 109-135, 2014.
- SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves. ALBUQUERQUE, Maurício da Cunha. “Hail Arminius! O Pai dos Alemães!”: a construção mítica da unificação alemã entre 1808 e 1875. **Topoi (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 330 - 355, jul. 2017. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/KVybB6GyLF3nyH6HcMvMvhP/?lang=pt>